

A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração Praça dos Restauradores
 43 A 49

Proprietario e director LISBOA Editor
 Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 3 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: — Paul Kochanski. — Mais sobre Damião de Goes. — Notas vagas. — Arthur Trindade. — Cerimonias religiosas dos judeus. — Concertos. — Criticas literarias. — Noticiario. — Bibliographia. — Necrologia.

PAUL KOCHANSKI

Eis um notavel violinista de 19 annos, que apesar de ter encetado ha apenas um anno a ardua carreira de concertista, já se tem singularizado nos principaes centros musicaes da Europa, como artista de largo folego e de valor inquestionavel.

Nasceu em Odessa, em 1886, e foi no conservatorio d'essa cidade que encetou os seus estudos.

Tendo ahí obtido os primeiros premios, partiu em 1898 para Varsovia, acompanhado pelo seu professor Emile Mlynarski⁽¹⁾ e deu n'essa cidade varios concertos, com exito collosal.

Tomou lições com Joachim, com Thomson e outros artistas consagrados.

A Ysaye apresentou-se, no mesmo dia em que Kreisler, tocando as variações de Paga-

nini-Auer, *Non più mesta*; Thibaud ouviu-lhe tocar o *Terceiro concerto* de Saint-Saëns; diante de Sarasate tocou as celebres composições d'este mestre, sendo todos unanimes

em reconhecer no moço artista as mais opulentas qualidades de *virtuose*, que se podem exigir em tão tenra idade.

Aos 14 annos era nomeado soloista da Sociedade Philarmonica de Varsovia, empreendendo pouco depois uma *tournee* a Moscow, S. Petersburgo, Riga Wilna e outras cidades da Russia.

Ha cerca de um anno foj a Bruxellas tomar parte no concurso de violino que annualmente se realisa no conservatorio d'aquella cidade; obteve o primeiro premio por aclamação.

Depois fez-se ouvir em Londres e Paris, com exito sempre crescente.

O repertorio de Paul Kochanski é

já consideravel e comporta não menos de 100 peças, em que se incluem os concertos de Brahms, Tschaïkowski, Paganini, Ernst, Wieniawski, Saint-Saëns, Bach, Beethoven,



⁽¹⁾ Mlynarski é director do Conservatorio de Varsovia desde o anno passado.

Lalo, Vieuxtemps, Mendelssohn e Max-Bruch, a *Fantasia escossezã* d'este ultimo auctor, a *Fantasia hespanhola* de Lalo, a *Sonata* de Tartini, as *Variações* de Corelli, o *Fausto* de Wieniawski, a *Suite* de Sinding, etc., etc.

Vamos brevemente ouvir no theatro de D. Amelia este extraordinario artista e tudo nos leva a crer que terá em Lisboa um acolhimento tão entusiastico, como calorosas foram lá fora as manifestações de que tem sido alvo.

Mais sobre Damião de Goes

LIQUIDEMOS a questão da nacionalidade, acabando de vez com a esperteza de Loos e com a ingenuidade de Van Der Straeten, a que nos referimos no artigo anterior.

Moréri no seu *Grand Dictionnaire Historique*, ultima edição, tomo iv, Amsterdam 1740, refere-se ás duas villas de Goes, zelanda e portugueza, e na biographia de Goes, chama-lhe, como toda a gente, portuguez. Falla no seu amor pela musica, na perfeição do seu canto e nas homenagens que lhe prestaram os sabios da Hollanda e Allemanha. Moréri escreveu duas gerações depois de Goes, em 1674.

O erudito Chauffépie, no seu *Nouveau Dictionnaire historique et critique* em continuação do de Bayle, diz no tom. II, Amsterdam 1750, «que Cornelio de Loos na *Illustrium Germanice Scriptorum Catalogus*, enganado sem duvida pela similhaça dos nomes o faz natural de Goes, villa da Zelândia etc., e o colloca em o numero dos escriptores portuguezes»; e cita a este respeito Nicolau Antonio da *Bibliotheca Hispanica*, que já reagira contra tal falsidade, e o padre Nicéron, que procedera de igual forma, como já aqui o demonstrámos.

Nicolau Antonio repudia a affirmação de Cornelio Loos a pag. 262 do 1.º vol. da *Bibliotheca Hispanica Nova*, Madrid 1783, em poucas palavras: «quem, cognominis forte ductus specie, Belgis scriptoribus, Zelandumque insulæ Goesæ Cornelius Callidius falso attribuit».

E passa adiante, dando pouca importancia ao caso. De Damião de Goes como musico diz — «Musicae adhæc artis peritia excellens eam hujus studii ac venustatis laudem meruit quan popularis ejus Andreas Resendus, epigrammate quodam *Phœbum & Orpheum* ant certe his parem nuncupans, eidem consignare non dubitavit».

Já nos referimos a isto. Nicolau Antonio tambem se refere ao louvor que o grande Glareano fizera a Goes. Este escriptor foi contemporaneo de Moréri, e escreveu a sua *Hispana Nova* em 1672.

Passando a biographos mais modernos encontramos dois que são avessos a copias, Waller e Ersch e Grüber. Waller, a pag. 659 do 2.º vol. do *Imperial Dictionary of Universal Biography*, London 1861, refere-se a Damião de Goes como um diplomata portuguez, historiador e musico. No fim do artigo diz—escriptores contemporaneos deram fama a Goes como poeta e compositor de musica; porém o seu principal direito a ser aqui citado consiste em ser elle um dos tres escriptores a quem devemos a historia do dominio portuguez na Asia.

Da mesma forma procederam os cuidadosos Ersch e Grüber na sua immensa *Allgemeine Encyclopædie* onde mencionam a pag. 202 do vol. 72 (Leipzig 1861) as duas villas de Goes, e a pag. 206 a Damião de Goes, de nobre familia portugueza, etc., e a pag. 207—musico distincto tocou com mestria muitos instrumentos. e foi tambem um elegante poeta.

Chamamos a attenção do benemerito Souza Viterbo para a pag. 202 d'este vol. onde se descreve a nobillissima descendencia austriaca do filho Manoel de Damião de Goes e de sua mulher Anna Franciska Duval. Julgo ser este um ponto desconhecido.

E paremos aqui, porque as biographias posteriores reproduzem o que vaé dito.

Viremos agora o bico ao prego; e vejamos se Damião de Goes, *neerlandez*, figura n'algum dictionatio biographico hollandez ou belga.

Jacobus Scheltema no seu *Staatkundig Nederland*, Amsterdam 1905, falta de dois Goes contemporaneos do nosso (1.º vol) mas não d'este.

Outro tanto succede com a excellente *Biographie du Royaume des Pays-Bas, ancienne et moderne*, Mons 1829, onde Delvenne faz referencia a cinco varios Goes.

F. V. Gæthals nas *Lectures relatives à l'histoire des sciences, arts etc. en Belgique*, Bruxelles 1837, não falla do nosso Goes, assim como na *Histoire des lettres, sciences etc. en Belgique*, impressa em Bruxellas 1840.

Van der Aa omittiu Damião de Goes no seu grande *Biographisch Woordenboek der Nederlanden* em 24 vol., Haarlen, embora no vol. 7.º impresso em 1861, cite nada menos de 13 Goes. Nos 3 vol. do Suppl. ha mais 2, nunca o nosso.

O mesmo succede no *Biographisch Woordenboek der Noord en Zuid Nederlandsche Letterkunde*, Duventer 1878, em que os tres

autores dr. Huberts, W. Elberts e Van den Branden, não dizem nada de Damião de Goes, cujas obras foram ahí traduzidas em hollandez, e outras allí impressas.

Por fim sempre encontrámos um dictionario, que falla do nosso patriçio. E' a importante *Biographie Nationale* publicada pela Academia Real das Sciencias e Lettras da Belgica, ainda agora incompleta embora a lettra P alcance o 18.^a vol. Refere-se a dois Goes, um dos quaes é o nosso. D'elle diz — *fidalgó portuguez, escriptor que merece um logar entre os sabios estrangeiros que viveram na Belgica*. Nasceu, por 1508 na villa d'Alemquer, em Portugal etc., etc. Pag. 25, 2.^a col. vol. 8.^o Bruxelles 1884.

Querem n'ó melhor provado?

Como foi que Van Der Straeten repetiu e patrocinou a asneira de Cornelio Loos?

Foi talvez porque o cegou a esperanza de introduzir entre os Goes, musicos da sua patria, o nosso Damião, *que era o maior d'elles todos*, como elle proprio declarou. Se elle tivesse folheado o material de casa, teria visto logo a sem rasão de um tal principio. Melhor lhe fôra honrar a Damião de Goes, como fez a Academia das Sciencias da Belgica, dando-lhe logar glorioso entre os *musicos estrangeiros que viveram na Hollanda*.

Portugal tem tantas glorias, que lhe não fazia falta esta ou outra. Mas já é tempo, de que a luz da verdadeira historia se faça nos espiritos!

Londres, 15 abril 1905.

CARLOS DE MELLO.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXXIX

De Lisboa

VAE esta antecipada porque não podendo escrever-lhe na data habitual, não quero comtudo deixar de desabafar comsigo a proposito de certas cousas que passaram, e de determinadas pessoas que desapareceram.

Começarei por estas, porque de mais me inunda o coração a lembrança d'ellas...

Assim, fallar-lhe-hei do Marianno, d'esse que foi professor, conselheiro, ministro, granzuz, etc., etc., e que, gloriosamente para elle e para nós, foi apenas o Marianno, quer dizer, aquelle inconfundivel e inolvidavel *homem da penna* que no jornal ou na tribuna desconjunctou instituições e desfez vaidades,

amarrotou *trumphos* e sacudiu balofos, e com quatro palavras e dois sorrisos poz, quasi sempre do seu lado, os que na vida seguem á procura de emoções.

A's vezes defendeu causas injustas e patrocinou interesses maus, mas tudo lhe perdoavamos nós, os que nos haviamos habituado a admiral o e, melhor, a amal-o, porque no fundo tinhamos todos a certeza de que mais tarde ou mais cedo elle voltaria para nós, e ajudar-nos-hia a ferir os bons combates quando por ventura não fossem seus até os melhores, ou mais certos e mais oportunos golpes...

Com um prodigioso cerebro que era um clarificador supremo de todas as questões, com uma inexgotavel e preciosa veia de ironia e bom humor que do mais insignificante caso extrahia aspectos unicos de imprevisto polychromismo, e, valorizando tudo, com uma preparação mental que nem muitos dos que com elle viveram poderam jamais medir, o Marianno teria sido tudo o que houvesse querido ser, aqui, com um bocadinho de vontade a mais e de despretensão a menos, e lá fóra, mesmo tal qual era, desde que no conflicto serio e levantado das intelligencias e dos principios, das energias e das aptidões elle podesse respirar a atmosphaera propria aos espiritos da sua envergadura.

Entre nós, no contacto diario de tontas rãs que coaxavam, de miseros gallinaceos, que bicavam, elle, em logar de ascender alto por onde pairam as aguias, para o que aliás não lhe faltavam azas, viu-se forçado a acorcorar-se, a encolher-se, e d'ahi algumas das sombras na sua figura, algumas das intercaencias no seu fulgor...

Malaventurada e inexplicavel terra que não logras utilizar em teu serviço nem assombrosas actividades como Marianno nem audazes luctadores como Navarro, outro forte espirito que caiu, organização complexa e multiforme de organisador e de estadista, de pamphletario e de erudito, de homem de arado e de montante, que a politica empocalhou tambem e que como áquelle por igual diminuiu e desconheceu...

Procura então a gente apurar o que os outros, os sabios, os honestos, os ponderados fizeram e fazem, e o resultado é aquelle que a minha amiga, mesmo ahí de longe muito bem conhece e não menos justamente avalia...

*

Ah! depois d'isto, as taes certas cousas a que queria referir-me, chegam a parecer-me naturaes e logicas, e apprehensões de livros de tão severo córte como o do publicista Basilio Telles, porque entre centenas de pa-

ginas, de um saber bem alto meia duzia d'ellas fogosamente escriptas pela paixão nobre de uma idéa porventura lhe empanam a serenidade da justiça e a visão dos acontecimentos, tirando-lhe a calma segurança das conclusões, já quasi não indignam por estarem no plano da absurda e regressiva marcha que ha muito vimos fazendo nos dominios do espirito e na esphera do pensamento...

A evolução que nos demais povos se accentua no constante caminhar para a frente, por cá parece accentuar-se no sentido inverso e dir-se-hia antes uma involução...

Felizmente, que a luz tem um grande poder desinfectante e microbicida e que, vinda de fóra ou de dentro, ella acabará por irradiar victoriosa e forte. Assim a todos nos fosse dado o ideal prazer de conseguir fital-a ou pelo menos presentil-a...

O assombroso lapidario da palavra que é Gabriel d'Annunzio escreveu na sua ultima peça este modelar conceito:

Dimmi perche mille pensieri insieme non hanno il peso d'un pensiero solo, quando è solo.

Permittindo-me applical-o a estes minusculos e por vezes divertidos casos da nossa existencia caseira, eu concluo sempre, com um optimismo que me salva, pois todas as idéas com que queiram atulhar-nos o cerebro n'elle não pesarão jamais como esta unica que a todos nos domina: a idéa soberana da completa e perfeita liberdade.

Gente que, ainda agora, na carinhosa e tocante recepção a Loubet, mostrou saber vibrar, e organisou festas como o d'esse triumphal e imponente orpheon de creanças, que cantando a Marselheza davam a sensação de uma aurora erguendo-se entre risos e entre flores; e querendo apparecer tal qual é, polvilhou a poesia das suas noites unicas com o brilho sem par d'illuminações do mais lindo, do mais pittoresco, do mais seguro effeito: merece bem conhecer de perto os superiores encantos da civilização authentica — e ha de conhecêl os.

Bastará, querida amiga, que lenta mas seguramente vá exteriorisando em fecundos e impressivos actos os preciosos e inspirados rythmos que lhe enchem a alma e lhe aquecem a imaginação...

Ah! Feliz, feliz o privilegiado Genio que um dia logre traduzir emfim esta tão bella e, com certeza, tão suggestiva musica.

AFFONSO VARGAS

ARTHUR TRINDADE

(MARIO SILVELLA)

Uma correspondencia, que temos á vista, de Sansepolcro (Italia) para o jornal romano *Chronache musicali e drammatiche*, dá-nos conta do optimo exito com que foi acol-

lhido este barytono portuguez, quando ha pouco se estreiou com o *Rigoletto* no R. Theatro Dante, d'aquella cidade.

As phrases do nosso collega italiano são calorosas e não teem entrelinhas. Vê-se claramente que o artista agradou sem restricções e que não só o critico do jornal, mas todo o publico



lhe reconheceu as qualidades requeridas para fazer uma bella carreira — interpretação intelligente e habil, voz pastosa e robusta e bom jogo scenico.

Arthur Trindade tem apenas 24 annos. Antigo pensionista do estado, discipulo dilecto de Vellani, em Lisboa e de Cotogni, em Italia, está chamado o sympathico barytono, ao que vemos, a occupar um honroso logar entre os artistas portuguezes que se teem consagrado á carreira lyrica.

Acompanhamol-o com os melhores votos e esperamos que o futuro venha confirmar os auspicios que assignalaram tão brilhantemente as suas esperançosas primicias.

Cerimonias religiosas dos judeus

EM additamento á noticia ultimamente publicada na *Arte Musical* sobre a musica hebraica, manda-nos o sr. Alfredo Borges da Silva, distincto amator de musica e paciente investigador de cousas artisticas, o seguinte extracto de um artigo do *Archivo Popular*, a que gostosamente damos publicidade.

«*Cerimonias religiosas dos judeus.* — A festa das trombetas é nos dois primeiros dias de Tithri ou setembro, setimo mez do anno ecclesiastico, e primeiro do anno civil, e por isso lhe chamam tambem a festa do anno novo. Na sinagoga lê-se o primeiro e segundo capitulo de Samuel até ao decimo versiculo: e então aquelle que é incumbido de tocar a trombeta, se levanta para exercer

as suas funcções, e tomando a busina, proferiu estas palavras: «Bemdito sejaes, senhor nosso Deus, que nos haveis santificado por via de vossas leis, ordenando-nos que ouvíssemos o som da trombeta. Bemdito sejaes, meu Deus, que nos tendes dado a vida, e nos haveis fortalecido até chegar a este dia.

A busina ou trombeta é feita de um corno de carneiro em memoria de ter Abrahão encontrado um d'estes animaes preso pelas armas em uma moita, o qual o offereceu em sacrificio ao senhor em lugar de seu filho Isaac.

Depois da cerimonia do toque se prefere o verso seguinte:

— Bemaventurados aquelles que ouviram o som da trombeta, porque elles caminharão para o senhor na luz de sua presença».

Archivo Popular. — Vol. III — 1839, n.º 15 de 13 de Abril, pag. 115.



A vinda de M. Loubet foi para toda a gente o magno acontecimento da presente quinzena; para nós outros, salvo o devido respeito ao simpatico presidente da republica franceza, foi a vinda do minusculo Miecio Horszowski que mais nos emocionou e entre os borborinhos e as cotovelladas d'uma cidade em festa e os remansosos accordes d'um *Largo* de Beethoven, tocado pelo admiravel pequeno, o nosso espirito não teve, nem podia ter, um momento de hesitação.

Miecio Horszowski é na verdade uma criança genial.

A sua intuição musical e a sua intelligencia artistica teriam forçosamente de apreciar-se n'um adulto. Sem fallarmos de um ouvido de uma justesa rara, de uma memoria prodigiosa e de um rythmo perfectissimo, que são os elementos basicos d'aquelle talento excepcional, ha que notar-se que, mesmo onde o seu jogo não seja por ora muito correcto e puro, ha sempre alguma cousa de bello e nobre a admirar.

Nos seus *recitals* de 24, 25 e 26 d'este mez, o pequeno Miecio executou Scarlatti, Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn, Chopin e Schumann, não fallando nos contemporaneos, e a cada um d'esses compositores, de intenções e estylos tão differentes, soube não só dar o caracter

e expressão proprias, mas sublinhar, um a um, certos promenores rythmicos e expressivos, que são como que o motivo ornamental de cada um d'esses estylos e a differencial de cada uma d'essas intenções.

Ha cousas que se não ensinam; certo é que Leschetitzky, o mestre de Miecio e de outras celebridades pianisticas da actualidade, entrou com larga parte no desenvolvimento e na educação d'este talento, mas o que, em Miecio, nos encanta e subjuga a mór parte das vezes é justamente o instincto admiravelmente orientado da sua fantasia e da sua personalidade. Esse é que para nós toma foros de verdadeira maravilha!



Os distinctos sextetistas hespanhoes do Club da Praia (Cascaes) tiveram a amabilidade de convidar-nos para a sua festa artistica, realisada a 25, com o concurso das talentosas artistas D. Luiza e D. Esther Campos e D. Erginia Gaspar.

Sentimos deveras não ter podido utilizar o obsequioso convite, tanto mais que entre outros numeros muito interessantes se executava na integra o famoso *Quinteto da Truta*, do divino Schubert.

Aos distinctos artistas Gonzalez, Escobar, Calvo, Gracia e Puig, que faziam parte do sexteto e que já hontem regressaram a Madrid, endereçamos os melhores emboras pelo exito obtido nos concertos de Cascaes.

Criticas litterarias

XIII

Um livro sobre o theatro na China.

O novel escriptor francez Boismilon, que sob varios pseudonymos escreve magnificos artigos em varias revistas de França entre ellas a *Revue Hebdomadaire* e *Monde Moderne*, está actualmente preparando um livro sobre o theatro no Oriente, que virá a ser bastante curioso, não só pelo assumpto em si, mas pela grande quantidade de documentos que o auctor colligi e que darão maior valor á obra!

Um dos capitulos é consagrado ao theatro na China, assumpto que Boismilon estudou com bastante criterio; e assim a situação geral do theatro na sociedade, a sua organização, os artistas, escriptor, publico, representações, peças dramaticas, tudo isto

é bellamente criticado pelo distincto escriptor!

Na China desde que Confucius (551-479 antes de J. C.) disse que o theatro depravava os costumes e ensinava falsas ideias da vida, a maior parte do povo chinez, possui ainda hoje um verdadeiro desprezo pelo theatro. Dizem elles que acham maior divertimento no interior das suas casas, nas suas familias, de que nas *sallas de spectaculos*.

Poucas cidades ha na China que tenham theatros, as companhias dramaticas passam uma vida nomada. Andam constantemente de terra em terra, com todas as bagagens e petrechos para levantarem barracas onde possam dar representações; mas não julguem os leitores que são barracas pequenas, geralmente podem levar para cima de duas mil pessoas! Quando alguma d'estas companhias chega a alguma terra, vem gente dos arredores assistir ás representações. A' roda da grande barraca, armam-se pequenas tendas onde se vende chá e outras bebidas, pequenas barracas onde mulheres lêem o futuro e homens contam contos e lendas populares, emfim de tudo um pouco.

Quando a animação está no auge, uma *alta personagem* do logar, vem recordar a phrase do grande philosopho Confucius e prohibe a serie de spectaculos!! Ha então uma verdadeira tristeza em todos, até que o empresário vae visitar a *alta personagem*, dá-lhe dinheiro, e os spectaculos continuam *sem perigo* para a moralidade...

Emquanto ao scenario pode se bem avaliar como será! Ha um muro com duas portas, uma á direita, outra á esquerda, entre as quaes uma *orchestra* composta de instrumentos rudimentares que executam melodias repassadas de semsaboria!

Como não ha scenario para mudar, o proprio actor descreve a scena!! Assim, quando entra diz: «*Entro em um jardim, assento-me em uma rocha negra, á sombra d'uma arvore em flôr, o ceu está puro!*»

O que é mais curioso é que o artista traz ás vezes na mão um quadro com o rochedo pintado!!!!

Ainda aqui não está tudo! Quando um actor permanece com a perna levantada por algum tempo, quer dizer que está *a cavallo*! Se uma das personagens deve chegar de carro, entra no palco com duas almofadas nos braços tendo cada uma d'ellas uma roda pintada!

Na China como é um paiz que é atravessado por bastantes rios e regatos, pode haver scenas á margem d'algum: pois os artistas arranjam tudo com a maior facilidade; uma especie de comparsa pega n'um remo

e anda atraz de certos artistas e quer isto dizer que *andam embarcados*!

Vê-se bem quanto tudo isto é infantil!

E' prohibido entrar mulheres nas representações e este costume data da epoca em que um dos imperadores Thaug, tomou para amante uma actriz!

A carreira de actor é das mais degradantes, estes artistas são desprezados por todos, são verdadeiros escravos do seu empresario.

Na China chegou a tal ponto o desprezo por este genero de vida que d'uma vez por um escriptor representar um papel em uma especie de recita particular, perdeu o titulo de escriptor, foi posto fóra da familia e do seu meio!

Os *actores escravos* são instruidos pelos seus senhores, e quando estes notam algum talento nos seus discipulos, são considerados como verdadeiras fortunas e são vendidos por altas quantias!

Os artistas teem duas cathogorias nas peças, os que ganham maior salario são os que representam papeis de *imperadores* e *principes*, e os que fazem de burguezes, malfeitores, etc., ganham pouquissimo!

Emquanto ao valor da litteratura dramatica na China, se não possuem um Moliere ou um Shakespeare, teem obras de valor. Só da epoca dos Youens (xiv seculo) ha 500 volumes.

Alguns criticos fazem a origem do theatro chinez nas dansas symbolicas que representam trabalhos de agricultura, guerras, etc.

Estas danças transformaram-se em cortejos com figuras extravagantes.

Mas a verdadeira epoca de ouro da litteratura dramatica foi sómente na dynastia dos Youen.

Uma das peças mais notaveis é a chamada *Pe-Pa-Ki*, que foi representada pela primeira vez em 1404.

Tsai-Yong teve que partir para a capital para seguir os seus estudos, para assim alcançar uma elevada posição. Mas junto da sua familia viu uma adoravel menina que eile ama doidamente! O pae aconselha-o que parta, ao passo que a mãe diz-lhe que fique. N'este drama ha uma scena bellamente traçada em que estão descriptos os deveres dos filhos para com os paes. Tsai-Yong segue os conselhos do pae, parte para a cidade e sahe brillantemente dos seus estudos. O imperador como premio dos seus triumphos dá-lhe como mulher *Neaou*, uma senhora pertencente a uma familia das mais nobres. Mas esta não fez esquecer a Tsai-Yong a sua querida *Chao*, seu primeiro amor!

.....
.....



Por telegramma recebido do Rio de Janeiro, sabemos que o violoncellista Niederberger transferiu para mais tarde a sua vinda á Europa.

Fica portanto sem effeito a noticia que a seu respeito demos no ultimo numero.



Noticias militares :

Passou á 1.^a classe o musico de caçadores 3, sr. João Alves.

— Nos regimentos de infantaria 2, 7, 10, 11, 17, 19, 21, 23 e 27 não se realisaram exames para musicos de 1.^a classe, por falta de concorrentes.

— Requereu passagem para infantaria 12 o musico de 3.^a classe de infantaria 9, sr. Manoel Julio.

— Foram transferidos para infantaria 2 os musicos de 3.^a classe, srs. Manuel Augusto, de infantaria 6 e José Maria Castanheiro, de infantaria 12.

— Foi dada ordem para que a banda de musica de infantaria 4 marche para Evora em 2 do proximo mez, afim de fazer parte do destacamento ali estacionado.

— Foi collocado na 2.^a companhia de reformados o musico de 1.^a classe de infantaria 24, sr. José Faria Moreira Lima e na 7.^a companhia os musicos de 1.^a classe da guarda municipal de Lisboa, sr. José Ignacio Pimentel, de infantaria 17, sr. José Gomes Ferreira Prego e de caçadores 5, sr. João Augusto da Silva.

— Tem licença para contrahir matrimonio com D. Gertrudes Rosario Liborio, o musico de 1.^a classe de infantaria 16, sr. Silverio.

— Foi concedida a readmissão no serviço activo por mais 3 annos ao musico de 3.^a classe de infantaria 4, sr. João Pires.



Alfredo Bensaude. — *Uma concepção evolucionista da musica.* — Lisboa, 1905. — Eis um livrinho altamente interessante e que contem um punhado de ideias novas sobre a nossa arte.

Destinava-o o dr. Bensaude a fazer objecto de uma conferencia, que resultaria talvez demasiado longa e que nos não daria a

vantagem de estudarmos á vontade os assumptos ali desenvolvidos. Assim lê-se a primeira vez, com evidente prazer, e repete-se de bom grado a leitura, como nós outros fizemos, para melhor auxiliar as ideias expostas, que são muitas vezes ineditas, como já deixamos dito

No primeiro capitulo considera-se o canto do homem como um elemento de selecção sexual e demonstra que, a exemplo das aves canóras, adoptou o homem inculto os seus primeiros cantos, por instincto e como chamariz esthetico, para attrahir a attenção e o agrado da femea. E' uma versão nova e bastante engenhosa sobre a origem da musica.

O segundo capitulo dá-nos curiosos informes sobre a poesia e a musica germanicas e sobre a formação e origem do *lied* até Schubert, «cuja missão artistica mais alta foi completar a expressão da poesia lyrica do seu tempo».

Trata o terceiro capitulo do desenvolvimento da polyphonia atravez dos tempos, sendo o quarto exclusivamente consagrado a Franz Schubert, como homem, e principalmente como artista.

O quinto capitulo occupa-se da evolução esthetica da musica atravez da historia e frisa muito especialmente a tendencia progressiva e constante para o augmento gradual das sonoridade, como consequencia da depressão da sensibilidade musical na raça humana. E' um dos mais valiosos artigos de toda a obra.

No sexto e ultimo capitulo tiram-se apenas conclusões e previsões, que se baseiam nas premissas anteriormente esboçadas.

Como se vê é um trabalho de grande elevação e que merece meditar-se longamente.

Felicitando o seu illustre auctor, cumprimos o grato dever de lhe agradecer o exemplar com que honrou esta redacção.



Falleceu em Paris a sr.^a D. Maria Seixas Fernandes, extremosa mãe do nosso amigo e illustre amator d'arte, sr. Luiz Fernandes a quem abraçamos sentidamente por tão infausta perda.

O cadaver da virtuosa extincta foi transportado para Lisboa, ficando depositado no cemiterio dos Prazeres, em jazigo de familia.